

## EXPERIMENTAÇÕES EM ARTE-EDUCAÇÃO: UM CORPO QUEER EM SALA

ART-EDUCATION EXPERIMENTATIONS: A QUEER BODY IN CLASSROOM

Rafael Matheus Moreira Monteiro / UFPA<sup>1</sup>

---

### RESUMO

Esta comunicação busca refletir sobre a Arte-Educação como campo fértil para experimentação entre poética e pedagogia. Este projeto teve como objeto de pesquisa duas oficinas experimentais. Os participantes das oficinas foram universitários, jovens adultos, entre 18 e 25 anos. A experimentação buscou aproximar Arte e Vida, poética visual e pedagogia. Para isso os processos metodológicos foram orientados pela Pedagogia *Queer*, proposta por Guacira Lopes Louro, e que propõe “estranhar” o currículo, em relação aos processos de ensino/aprendizagem propostos por Ana Mae Barbosa na Abordagem Triangular, que seriam o ler, o fazer e o contextualizar. Os instrumentais de pesquisa utilizados foram a observação participante e o uso de entrevistas, fora a pesquisa bibliográfica do tema.

### PALAVRAS-CHAVE

Arte-Educação; Pedagogia *Queer*; Abordagem Triangular; Poéticas Visuais.

### ABSTRACT

*This communication seeks to reflect on Art-Education as a fertile field for experimentation between poetics and pedagogy. This project had as object of research two experimental workshops. The workshop participants were university students, young adults, between 18 and 25 years old. The experimentation sought to bring together Art and Life, visual poetics and pedagogy. For that, the methodological processes were guided by Queer Pedagogy, proposed by Guacira Lopes Louro, and which proposes to “surprise” the curriculum, in relation to the teaching / learning processes proposed by Ana Mae Barbosa in the Triangular Approach, which would be reading, doing and contextualize it. The research instruments used were participant observation and the use of interviews, apart from the bibliographic research on the topic.*

## KEYWORDS

*Art-Education; Queer pedagogy; Triangular Approach; Visual Poetics.*

## Introdução

O tema desta pesquisa se insere no campo da Arte-Educação, que tem como objeto de estudo a reflexão crítica da experimentação poética e pedagógica neste campo dos processos de ensino/aprendizagem em Artes Visuais, de maneira inclusiva. “Queer”, que na língua inglesa significa “*estranho*”, é uma expressão que durante muitos anos foi (e ainda é) utilizada para estigmatizar os corpos LGBTQI+ que fogem de padrões normativos, porém a expressão é subvertida e passa a ter uma conotação de autoafirmação. Essa experimentação tentou buscar uma aproximação entre a poética que desenvolvo em minhas obras com as práticas pedagógicas em Arte-Educação. Esta pesquisa tem como referente o estudo de duas oficinas experimentais, intituladas de *Oficina de Desenho e Pintura: As Práticas Artísticas Para o Desenvolvimento de Poéticas Autobiográficas e Autoafirmativas no Combate ao Preconceito e Discurso de Ódio*, realizada nos laboratórios de pintura e desenho do Núcleo Práticas da Arte - Expressões Bidimensionais – Profº Neder Charone, no Prédio Anexo da Faculdade de Artes Visuais; e a *Oficina Laboratório de Ativação de Jovens Poéticas*, que aconteceu na Casa das Artes, que pertence a Fundação Cultural do Pará. As oficinas ocorreram entre abril e maio de 2019, o perfil dos participantes de ambas as oficinas era o de universitários, jovens adultos, entre 18 e 25 anos.

As abordagens educativas empregadas nestas experiências versam a respeito de uma interpretação dos procedimentos de ensino da Pedagogia *Queer*, sistematizada no Brasil por Guacira Lopes Louro (2015), que possui como principal método a desconstrução, análise, de todo o conhecimento e suas origens; e a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998), que tem como característica a triangulação dos processos de ensino em Arte através do *fazer, leitura e contextualização*.

Como adaptar poética em Artes Plásticas para uma pedagogia experimental em Arte-Educação? É possível conciliar “ser artista” e “ser educadora”? É possível levar para o ambiente educacional uma poética artística? Estas são algumas questões que transpassam este trabalho, iniciado na experimentação realizada nas duas oficinas supracitadas, a partir de um desenho de plano de ensino direcionado às questões que me impulsionavam do meu “Corpo *Queer*”.

A estrutura deste artigo está dividida em 3 partes, na primeira irei expor as questões que me impulsionaram a realizar esta pesquisa, na segunda parte serão expostos os conteúdos

teóricos que embasaram a experiência, e na terceira parte apresentarei os resultados da experiência.

## **Uma poética em Artes Visuais**

Um dos questionamentos que me levaram a realização das oficinas e a escrita deste artigo foi: “pode a minha poética em Artes Visuais se integrar com uma pedagogia em Arte-Educação?”. Para responder a esta questão é necessário, primeiramente, que o leitor compreenda a minha produção em Artes Visuais e conseqüentemente quem eu sou e o que me motiva a criar. Segundo Matisse (*apud* GEERTZ, 2012, p. 148): “Os meios através dos quais a arte se expressa e o sentimento pela vida que os estimula são inseparáveis”. Sendo então, Geertz propõe que a obra surge em um contexto, e que os elementos que compõem a obra são significados pela vida que a cria. Estudar Arte é explorar uma sensibilidade, e essa sensibilidade é essencialmente coletiva, pois somos produto das relações e atritos que nosso corpo tem com a sociedade onde estamos inseridos (GEERTZ, 2012).

Levando em consideração que gênero é performativo e que existem várias formas do corpo performatizar o gênero em sociedade (BUTLER, 2003), meu foco de pesquisa é a produção, em Artes Visuais, de obras que simbolizem as imagens e as narrativas de *travestis* e *transexuais*, corpos que performatizam um gênero feminino que é estigmatizado, invisibilizado e caricaturizado na nossa sociedade que busca através da injúria, da exclusão, da invisibilização e da caricaturização, apagar e estigmatizar os corpos que não se encaixam no plano de “coerência e continuidade entre sexo-gênero-sexualidade”, o que sustenta a constituição e legitimação de uma forma “normal” de vida em sociedade cuja base seria a família (mononuclear moderna). Esta, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual (e social) e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade. Pode se dizer, então, que esta forma específica de articulação entre corpo, gênero e sexualidade não é natural e nem universal, mas sim inteligível e operante no interior de redes de poder que a definem e que permitem que ela funcione como tal (MEYER, 2009).

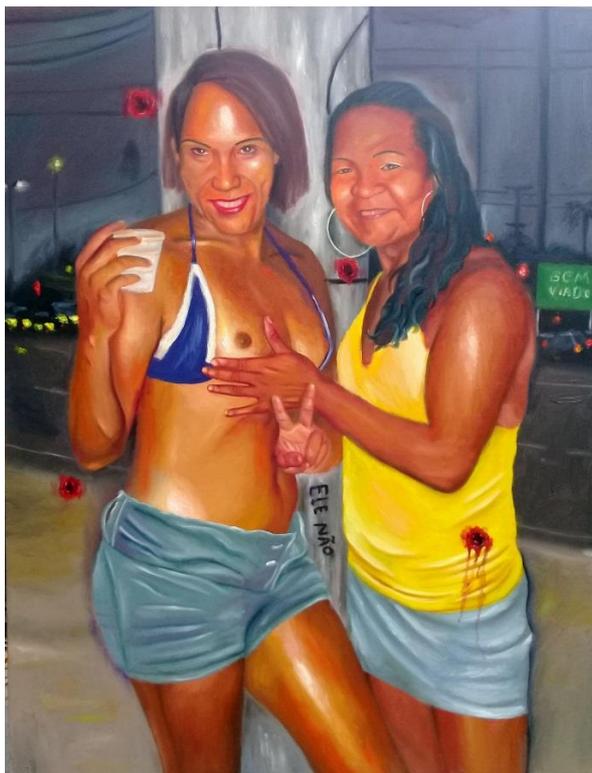


Figura 1. Safira e Amapô, 2018. Acervo da Autora.



Figura 2. Autorretrato, 2019. Acervo da Autora.

É perceptível em todos os meus trabalhos o quanto de mim há neles. Através do processo criativo em Arte e da produção autobiográfica é possível desenvolver uma reflexão crítica sobre Corporalidade e Corporificação, produzindo uma forma de ruptura com certos tipos de pensamento/poder dominantes na sociedade local. A Obra de Arte, como “campo fértil para a pesquisa e experimentação”, como nos aponta Sandra Rey (2002, p. 126), é um processo de formação e um processo no sentido de processamento, de formação de significados; ela é um elemento ativo na elaboração ou no deslocamento de significados já estabelecidos. Ela perturba o conhecimento e os padrões estabelecidos antes dela. E, neste sentido de causar inquietação, de instigar a reflexão e questionamentos, a minha produção vem para colocar essas questões sobre identidade de gênero.

Mas como levar uma poética em Artes Visuais para a sala de aula? Como ser o artista professor? Isso me parecia algo impossível em um primeiro momento, até entrar em contato com a Pedagogia *Queer* de Guacira Lopes Louro (2015). Então neste tópico foi visto o quanto os processos de pesquisa em Arte podem se relacionar e se inspirar nas questões subjetivas e autobiográficas de seus produtores, assim como essa prática pode servir como ferramenta para visibilizar questões, causar inquietação e instigar reflexões em seus espectadores. A partir deste ponto, parte então a proposta das oficinas e de toda essa experimentação em Arte-Educação. A seguir irei apresentar as bases teóricas e conceituais que nortearam essa experimentação, assim como a justificativa e relevância deste estudo no campo da Arte-Educação.

### **Uma proposta para Arte-Educação**

O termo *Teoria Queer* foi usado pela primeira vez em 1990 por Teresa de Lauretis em uma conferência, e surgiu como uma alternativa aos referenciais identitários e assimilacionistas presentes na teoria feminista e dos estudos gays e lésbicos (DINIS, 2013). O termo *Queer* é deslocado do seu significado inicial pejorativo e passa a ser utilizado por grupos homossexuais para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação, para esse grupo *queer* significa colocar-se contra a normalização. Seu alvo mais imediato de oposição é a heteronormatividade compulsória da sociedade e toda construção binária de gênero, conhecimento e poder (LOURO, 2015).

A *Teoria Queer* vai então influenciar o campo da educação, e no Brasil será Guacira Lopes Louro que irá sistematizar e propor uma *Pedagogia Queer*. A proposta da autora é “Estranhar” o currículo, questionar discursos e como se constrói o conhecimento, essa pedagogia busca questionar tudo aquilo que está posto como “normal” e/ou “natural”. Segundo Louro:

Uma pedagogia e um currículo conectados à teoria queer teriam de ser, portanto, tal como ela, subversivos e provocadores. Teriam de fazer mais do

que incluir temas ou conteúdos queer; ou mais do que se preocupar em construir um ensino para sujeitos queer. (LOURO, 2015, p. 52-53).

Sua principal abordagem metodológica seria então a “desconstrução”, mas não no sentido de destruir, e sim de análise. Analisar a forma como o conhecimento se constrói, analisar os discursos e seus contextos.

Efetivamente, os contornos de uma pedagogia ou de um currículo queer não são os usuais: faltam-lhes as proposições e os objetivos definidos, as indicações precisas do modo de agir, as sugestões adequadas para “conduzir” os/as estudantes, a determinação do que “transmitir”. A teoria que lhes serve de referência é desconcertante e provocativa. [...] Por tudo isso, ela parece arriscada. E talvez seja mesmo..., mas, seguramente, ela também faz pensar (LOURO, 2015, p. 54, grifo da autora).

O currículo é culturalmente construído, é por meio dele em um projeto educacional que grupos sociais, principalmente os grupos dominantes, irão expressar sua visão de mundo, seu projeto social, sua verdade, portanto o currículo “fala” de alguns sujeitos e ignora outros; conta histórias e saberes que, embora parciais, se pretendem universais (SANTOMÉ, 1995). Sendo assim, um currículo *queer*, portanto ligado a teoria *queer*, é um currículo que questiona as epistemologias dominantes, questiona o modo como o conhecimento é construído, se aventura em explorar outros discursos e narrativas além daqueles ditos “universais” (LOURO, 2015).

Segundo a própria autora, a pedagogia *queer* não possui as proposições, os modos de agir e os objetivos muito bem definidos, deixando em aberto a possibilidade dessa pedagogia poder se relacionar e se transconfigurar nas mais diversas áreas do conhecimento. No caso das experimentações vivenciadas nas duas oficinas, essa pedagogia foi sendo relacionada com a Arte-Educação e por isso ganha alguns direcionamentos dentro desta área.

Deste modo, assumindo que imagem e discurso estão profundamente interligados (JOLY, 2012), acredito que relacionar a pedagogia *queer* com a Arte-Educação e com a imagem, é analisar criticamente e questionar os discursos que estão inter-relacionados a essas imagens. Assim, dentro desta experimentação, esta pedagogia foi relacionada com a Abordagem Triangular, sistematizada no Brasil por Ana Mae Barbosa, como forma de orientar as operações de ensino e aprendizagem durante as oficinas. Segundo Barbosa (2007), um currículo que interligue o fazer artístico, a história da arte e a análise da Obra de Arte estaria organizado de maneira que o(a) aluno(a) com suas necessidades, interesses e desenvolvimento, estaria sendo respeitado(a). Deste modo a autora propõe uma triangulação dos processos de ensino/aprendizagem em Arte, onde *o fazer artístico, a contextualização e a leitura da imagem* se configuram em ações que se interligam durante a experiência em sala, possibilitando uma experiência mais completa no ensino/aprendizagem dos conteúdos de um currículo em Arte. Nesta abordagem, o Ler é entendido como:

Ler tem o sentido de reconhecer e compreender poeticamente códigos e principalmente o sentido de dar combustível ao universo de imagens internas significativas responsáveis pelo vigor conceitual do ser humano. Este eixo trata das ações que envolvem o exercício da percepção. (MACHADO, 2010, p. 65).

#### O Contextualizar:

A qual pode ser histórica, social, psicológica, antropológica, geográfica, ecológica, biológica etc., associando-se o pensamento não apenas a uma disciplina, mas a um vasto conjunto de saberes disciplinares ou não. [...] Contextualizar é estabelecer relações. Neste sentido, a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade. (BARBOSA, 1998, p. 37-38).

#### E o Fazer:

O eixo da produção nomeia não apenas ações que caracterizam a aprendizagem do fazer artístico em contato com os materiais e com os princípios de formatividade das diferentes linguagens artísticas. Ou seja, essas ações se referem à capacidade de produzir obras artísticas, mas também à capacidade de produzir leituras e relações conceituais, tão importantes para a experiência da Arte e que também integram a concretização de formas artísticas. (MACHADO, 2010, p. 65).

Sendo assim, foram vistas, neste tópico, as bases pedagógicas que nortearam os processos desenvolvidos nas ações pedagógicas, em seguida irei expor um pouco da experiência com as oficinas.

### **Uma experimentação em Arte-Educação “Queer”**

Para esta experimentação educativa em Artes Visuais, foram realizadas duas oficinas de produção em Artes Visuais, utilizando como linguagens a pintura, a colagem e o desenho. A primeira oficina ocorreu nos laboratórios de pintura e desenho da Faculdade de Artes Visuais – FAV – da Universidade Federal do Pará – UFPA, no período de 1 a 5 de abril de 2019, no horário das 10h às 12h, intitulada de *Oficina de Desenho e Pintura: As Práticas Artísticas para o Desenvolvimento de Poéticas Autobiográficas e Autoafirmativas no Combate ao Preconceito e Discurso de Ódio*, com carga horária de 10 horas. A segunda oficina ocorreu na Casa das Artes – Fundação Cultural do Pará, e foi intitulada de *Laboratório de Ativação de Jovens Poéticas*, realizada no período entre 29 de abril a 10 de maio de 2019, no horário das 10h às 12h, com carga horária de 20 horas.

A proposta das oficinas foi desenvolver com os(as) discentes *poéticas* visuais com base nos questionamentos, subjetividades e reflexões dos próprios alunos(as). As técnicas de desenho e pintura, as leituras visuais e as reflexões durante as oficinas foram ferramentas para os(as)

alunos(as) desenvolverem seus trabalhos, sem a imposição de temas, com total liberdade. Sobre o poder das Artes Visuais dentro de uma proposta educacional humanizadora e contextual, Barbosa (2004, p. 3) discorre:

Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. "Relembrando Fanon", eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estrangeiro em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence (BARBOSA, 2004, p. 3, grifo da autora).

Ambas as oficinas foram pensadas em 3 etapas, tendo como eixos centrais das etapas os 3 processos de ensino/aprendizagem propostos por Ana Mae Barbosa (1998) que seriam *o Ler, o Fazer e a Contextualização*. No primeiro momento das oficinas, além de apresentar os objetivos delas, trabalhamos questões técnicas de desenho e pintura, exercícios de traço e desenho com sólidos geométricos, introdução a cor e experimentações com tinta, no caso da segunda oficina foi adicionado também o desenho de retratos com a técnica da grade e do carbono, que utilizo bastante em minha produção.

No segundo momento das oficinas nós trabalhamos a leitura crítica e a contextualização da Obra de Arte. Nesta etapa nós começamos com uma conversa sobre o que seria a Arte, quais imagens nos vêm à cabeça quando pensamos História da Arte. E chegamos a conclusão de que a História ocorre de diversas formas, tempos e perspectivas plurais, de tal forma que não existe "A" História e sim "AS" Histórias. Isso não é diferente no campo da Arte, que ao lidar com a imagem também relaciona-se com os discursos e preconceitos que lhe atingem e ao local de onde vem, de tal forma que podemos dizer basicamente que "história da arte" é uma "história de juízos de valor e de juízos de gosto" (MEDEIROS, 2010, p. 466). Existe um sistema de Arte, inserido em uma cultura, que vai legitimar aquela produção como artística ou não, digna de ser estudada e prestigiada ou não.

A última etapa das oficinas foi focada na criação e experimentação artística, quando os alunos deveriam relacionar os conteúdos ministrados durante as oficinas com suas subjetividades e reflexões em uma obra final. Neste momento, ler e reler o mundo a sua volta, seus contextos, foi de extrema importância, pois está intimamente ligado com a capacidade de produzir imagens.



Figura 3. Obra feita por aluna(o).

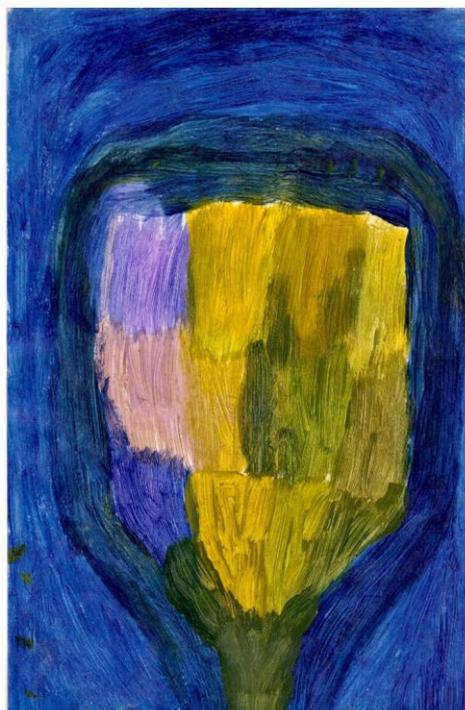


Figura 4. Experimentação com a Cor feita por aluno(a).

Todo o percurso das oficinas foi executado de tal forma que seus participantes se sentissem confortáveis a questionar e se expressar, criando assim um ambiente fértil para a experimentação e pesquisa artística. Em especial foram utilizadas duas estratégias para quebrar a formalidade da sala de aula e criar um ambiente mais descontraído e informal.

A primeira estratégia diz respeito a *performance*, não vou dizer que foi algo minimamente calculado, de fato nem pensei muito sobre o peso dos meus atos, vindo a refletir sobre apenas tempos depois, pois naquela manhã tive vontade de ser alguém violeta. A performance se caracteriza como sendo um ato de fronteira, entre Vida e Arte, entre artista e obra (COHEN, 1989). Desde 2018 começo a sentir a necessidade de tornar meu corpo suporte da minha pintura, e naquele dia primeiro de abril eu quis compartilhar essa experiência com meus alunos. Tudo parecia normal quando entrei em sala, alunos posicionados, hora de começar a me apresentar: “Sou ..., aluna do curso de Artes Visuais...”. E então surge a primeira pergunta: “Por que você está dessa cor?”. A performance como fronteira borra os limites, dilui as bordas entre ... Professor/... Artista/... Obra e torna o ato performático um gatilho disparador de várias questões, tornando a curiosidade tão grande nos alunos que eles queriam saber o que era aquilo, o que acabou por ser algo que tornou a experiência em sala muito mais leve e descontraída, foi algo que quebrou nosso “gelo” inicial.



Figura 5. Performance no primeiro dia de oficina. Acervo da autora.

A segunda estratégia que tornou o ambiente muito mais acolhedor é referente ao meu posicionamento em sala, onde eu não era alguém que tivesse as respostas para as questões, era mais alguém que mediava os conteúdos e os alunos, e fomentava a discussão e reflexão em sala, mantendo um certo direcionamento nas questões discutidas.

As experiências foram muito bem avaliadas pelos participantes, como ponto forte das oficinas foram pontuadas a abordagem metodológica e a condução das aulas, bem como os conhecimentos técnicos desenvolvidos e a liberdade na criação artística como os principais pontos na oficina. Seguem avaliações da primeira e da segunda oficina respectivamente:

A liberdade para compor as obras. A forma ao qual o professor nos deixou à vontade para criar. E obviamente suas técnicas com pintura nos ajudaram muito. Assim como os debates expostos à cerca das mulheres artistas, a violência, repressão e preconceito. (INTERLOCUTOR (A) 1)<sup>2</sup>

A oficina proporcionou, de certo modo, o despertar subjetivo para a execução das variadas técnicas, inclusive isto pode ser considerado um ponto forte. Por outro lado, como ponto de melhora, é preciso uma extensão do tempo para a realização das atividades. A experiência dentro da oficina foi gratificante e realizadora. Uma vez que consegui alcançar plasticamente a ideia que havia em mente. Além do mais, a participação do instrutor, que se deu de maneira célebre, foi decisivo dentro de tal processo. (INTERLOCUTOR (A) 2)

Sobre os pontos negativos a maioria dos participantes não respondeu, mas como pontos a serem melhorados ressaltaram que seria preciso um tempo maior para a experimentação, assim como melhorar a infraestrutura do local onde ocorreu a oficina, no caso da segunda experiência na Casa das Artes.

## **Considerações Finais**

Apresentei nesta comunicação as bases conceituais que nortearam duas oficinas experimentais no campo da Arte-Educação. Essa experiência suscitou questões a partir da experimentação entre Poética e Didática/Arte-Educação, na qual se buscou relacionar a Pedagogia *Queer* de Guacira Lopes Louro com os procedimentos presentes na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. “Pedagogia *Queer*” não se trata somente de acrescentar autores e artistas “*queer*” ao currículo, ao meu ver se trata de um posicionamento reflexivo, questionador e duvidoso frente as nossas certezas em sala de aula, se trata de questionar tudo aquilo que se mostra como normal e abraçar a experimentação, o arriscado, o incerto. Um ensino “*queer*” se trata de inclusão, processos de ensino e aprendizagem em Arte capazes de incluir a todas e todos no ambiente de ensino, seja ele formal ou não-formal.

Produzir Arte, segundo minha visão, é mais que criar obras, trechos, imagens e coisas, se trata de compartilhamento. Ao instaurar a Obra de Arte, estou compartilhando com o público uma visão de mundo, um sentimento, um conhecimento que irá se completar com a leitura de mundo do espectador, a Obra de Arte instiga e visibiliza questões, e a partir das reflexões e análise crítica da obra é possível a conscientização e sensibilização de uma dada realidade. Percebo então o artista contemporâneo em um papel próximo ao do educador, pois o processo educativo tem como objetivo prover os indivíduos dos conhecimentos e

experiências culturais que os tornam aptos a atuarem no meio social e a transformá-lo em função das necessidades econômicas, sociais e políticas do coletivo (LIBÂNEO, 2013, p. 15). Portanto, tanto a Obra de Arte quanto o processo educativo exercem uma função influenciadora sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora com o meio social. Concluo que ser artista/arte-educadora é algo que só tem a acrescentar ao processo educativo, o artista que educa tem importância em sala não apenas para sanar dúvidas técnicas que os alunos possam ter, mas para instigar questões, orientar sobre dúvidas com relação ao processo criativo do aluno e desmistificar o mito de que o artista é alguém “iluminado por um dom”, Arte é feita através de *processos* teóricos e manuais, ao apresentar para o discente os processos que conduzem o seu fazer artístico, o artista professor está dizendo que: “Todas(os) podem fazer Arte”.

## Nota

---

<sup>1</sup> Agradeço imensamente a Profª Drª Rosangela Britto, docente da UFPA, que me orientou durante a pesquisa para meu TCC e me ajudou na correção deste texto. Agradeço também as reflexões enriquecedoras ao trabalho, geradas no grupo de pesquisa Arte, Memórias e Acervos na Amazônia.

<sup>2</sup> As respostas não foram identificadas para dar uma maior liberdade para os participantes ao relatarem suas experiências.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte, educação e cultura**. 2004. Portal Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **UTÓPICOS, Tópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Tradução. Copyright of Revista OPARA is the property of Revista OPARA and its content may not be copied or emailed to multiple sites or posted to a listserv without the copyright holder's express written permission. However, users may print, download, or email articles for individual use, 2003.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

DINIS, Nilson Fernandes. Por uma pedagogia queer. **Itinerarius Reflectionis**, v. 9, n. 2, 2013.

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. 12. ed. Tradução: Vera Joscelyne. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 2012.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus Editora, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. São Paulo: Autêntica, 2015.

MACHADO, Regina. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da Abordagem Triangular. *In*: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda (orgs). **Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010. p. 64-79.

MEDEIROS, Afonso. Apontamentos para uma cartografia da história da arte pornoerótica. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 19., 2010, Cachoeira (BA). **Anais [...]**. p. 460-474.

MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem preliminar. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematização sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: Ministério Educação, 2009.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. *In*: BRITES, Blanca; TESSLER, Élida. (orgs.). **O meio como ponto zero**: Metodologia da Pesquisa em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123-140.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 159-177.

### **Rafael Matheus Moreira Monteiro**

Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará, Arte-Educadora e Artista Visual, desenvolve trabalhos a partir de suas reflexões sobre as tensões entre o corpo trans com a sociedade. Contato: mrafael379.rn@gmail.com.